



Olá! Bem-vindos ao nosso Manual! Ele foi feito com muito carinho e muitas mãos! Nele você conhecerá um pouco sobre este pedaço do Brasil chamado Baixo Amazonas, através do olhar das crianças que vivem nas comunidades remanescentes de quilombo de Cachoeira Porteira, Cuecé, Mondongo, São José e Silêncio, no estado do Pará.

Foi brincando, conversando, trocando ideias e desenhando que fizemos nosso Manual, misturando o que nos contam e ensinam os mais velhos com nossos saberes e fazeres. Conseguimos colocar muitas coisas nestas páginas, mas com certeza ficou muito de fora! Tomara que você fique curioso para aprender ainda mais!



# Manual das crianças do Baixo Amazonas

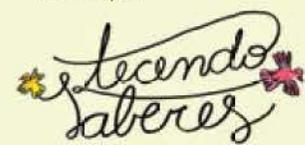
Marie Ange Bordas  
e a criançada de Cachoeira Porteira,  
Cuecé, Mondongo, São José e Silêncio

Manual das crianças do Baixo Amazonas

Marie Ange Bordas



Realização



Patrocínio



# Sumário



1 Um pouco de história  
PÁG. 8



2 A castanha  
PÁG. 12



3 Frutos do Norte  
PÁG. 24



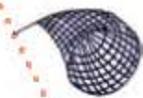
4 Minha estrada é um rio  
PÁG. 32



5 Peixes & cia  
PÁG. 40



6 Pescarias  
PÁG. 44



7 Contos e lendas  
PÁG. 48



8 Hora de brincar  
PÁG. 52



9 Coisas da comunidade  
PÁG. 58



10 Bichos e mais bichos  
PÁG. 64



## Apresentação

Olá! Bem-vindos ao nosso Manual! Ele foi feito com muito carinho e muitas mãos! Vamos contar um pouco da nossa vida neste pedaço do Brasil chamado Baixo Amazonas, no noroeste do Pará. Uma região enorme, com quase 350.000 km<sup>2</sup>, bem maior do que muitos países do mundo! Mas é apenas uma pequena porção da Amazônia, este bioma que cobre 49% do Brasil e se distribui por 9 estados. Na Amazônia tudo é gigante: maior floresta tropical do mundo (nela caberiam um milhão de campos de futebol!); maior rio do planeta (o Amazonas); uma das maiores cobras do mundo, a sucuri, e o maior felino do continente americano, a onça-pintada. Enfim, só grandeza!

No meio de tamanha magnitude não existe só natureza não! Aqui vivem milhares de pessoas das mais diferentes, e entre elas vivemos nós, crianças e jovens que fizemos este livro! No mapa ao lado você pode ver as cinco comunidades onde moramos: Cachoeira Porteira (município de Oriximiná, nas margens do rio Trombetas), São José, Silêncio, Cucecé e Mondongo (município de Óbidos, à beira do rio Amazonas). Apesar da distância partilhamos muitas coisas, entre elas o fato de vivermos todos em comunidades remanescentes de quilombos, fundados por negros africanos e seus descendentes para resistir à escravidão nos séculos XVIII e XIX. Foi por meio da resistência, da interação com os índios e do aprendizado de formas eficientes de explorar a floresta que nossos antepassados contribuíram para formar o Pará de hoje, e também criaram as bases de uma cultura que permanece. Uma cultura tradicional, mas em movimento, pois o povo do Baixo Amazonas está sempre se transformando, ao sabor das migrações, das novidades e dos encontros. Encontros entre os indígenas que já moravam aqui mais todos os que foram chegando em diferentes épocas: europeus, negros, nordestinos, seringueiros, garimpeiros, caboclos, ribeirinhos de outras margens... Um verdadeiro caldeirão de gente!

Foi brincando, conversando, trocando ideias, fotografando e desenhando juntos que fizemos este Manual, misturando o que nos contam e ensinam os mais velhos com nossos saberes e fazeres, mais um pouquinho de pesquisa. Conseguimos colocar muitas coisas nestas páginas e nos vídeos do DVD, mas com certeza ficou muito de fora! Tomara que fiquem curiosos para aprender ainda mais! E, quem sabe, até criar um Manual de sua própria comunidade!





1

# Um pouco de história

**B**om, já que falamos das nossas antepassadas, vamos começar com um pouco da nossa história. A história que conhecemos por aqui durante muito tempo não apareceu nos livros escolares – nós a aprendemos através das nossas pais e sobretudo nossas avós, que conheceram seus próprios bisavós, os primeiros a chegar e se instalar nestas regiões onde hoje vivemos. Histórias que sobreviveram nas memórias de gente como a Dona Ursulina em Cachoeira Porteira e Seu Ailton no Mondongo, cujo bisavô era filho de escravos. Foi ele, que casou com uma indígena, quem comprou o terreno onde Seu Ailton vive até hoje.

É importante falar da bisavó índia do Seu Ailton, para gente lembrar que, antes de todo mundo, quem vivia aqui na Amazônia há muitos séculos eram os indígenas, adaptados à floresta, retirando dela o que necessitavam mas também plantando e domesticando plantas como a pupunha e a mandioca. Os europeus só

chegaram no Brasil bem mais tarde, por volta de 1500. Infelizmente já chegaram fazendo guerras, escravizando os índios e transmitindo-lhes doenças. Foi quase 200 anos depois que os portugueses começaram a trazer escravos africanos para a Amazônia, para trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar, algodão, cacau e também na extração das chamadas “drogas do sertão” (especiarias como urucum, castanha-do-Pará, canela). Mas esta é uma história longa que você pode pesquisar nos livros! Para nós, o mais importante disso tudo é perceber que muito do jeito que vivemos hoje e das coisas que sabemos veio desse encontro entre indígenas e negros e de seus saberes e fazeres ancestrais. Talvez, se os índios não tivessem partilhado seus segredos da mata, muitos de nossas antepassadas negros não teriam chegado nesses lugares tão isolados da floresta onde formaram os quilombos! Dona Ursulina nos conta um pouco desse encontro aí do lado!



*Pecas antigas encontradas no Silêncio*



## Encontros no Trombetas

Quando fugiram das fazendas, os negros foram subindo ao longo dos rios e das cachoeiras, como os rios Trombetas, Eachorro e Turuna, procurando um escape, um esconderijo onde os brancos não conseguiriam chegar. Para entrar na mata fechada eles tiveram ajuda dos indígenas que já moravam por lá. Isso levou dezenas de anos, nos quais ocorreram laços de sangue entre os índios Kaxuíana e os escravos da família Vieira, que eram meus antepassados. Com o tempo os indígenas começaram a casar com esses escravos, a população foi aumentando e foram surgindo vários povoados entre quilombolas e indígenas Kaxuíana... Os negros aprenderam com os índios a trabalhar com a tala para fazer peneiras, paneiros, tipitis; as meninas jovens se juntavam pra fazer pulseiras, teve muita troca.



(Dona Ursulina, Cachoeira Porteira)



# A castanha



Entre tantas outras coisas, nossos pais e avós herdaram de seus antepassados a sabedoria da extração da castanha-do-Pará, e, assim como acontecia no século XIX, fazem dela uma importante fonte de renda, principalmente na região de Oriximiná. A castanha é parte importante na vida das cerca de 90 famílias de Cachoeira Porteira, um forte elemento da identidade cultural dessa comunidade de "castanheiros". Sua relação profunda com a floresta se reflete em um ativismo ambiental que tem garantido a preservação da área, um exemplo de sustentabilidade reconhecido internacionalmente, mas pouco valorizado no Brasil. O extrativismo cuidadoso ajuda as castanheiras a continuarem saudáveis e frutificando! Para garantir essa cultura, junto com pesquisadores, o pessoal iniciou um trabalho de renovação dos castanhais, plantando novas castanheiras mais próximas das comunidades.



## A árvore real

Nome científico: *Bertholletia excelsa*  
 Nomes populares: castanha-do-Pará, castanha-do-Brasil, castanheiro, anhaúba  
 Origem: Amazônia

Não é por nada que alguns chamam a castanheira de "rainha da floresta": podendo chegar a 50 metros de altura, com tronco de quatro metros de diâmetro, algumas das árvores dos castanhais daqui tem 400 anos de idade. E dizem por aí que existem algumas com mais de 800 anos! E que ainda dão castanha! Em Cachoeira Porteira dizem que existia uma castanheira com nove metros de diâmetro, e que para abraçá-la eram precisas umas oito pessoas!



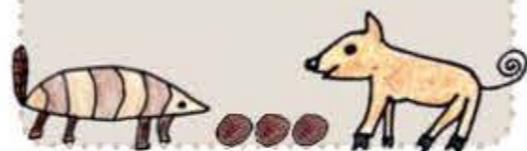
## Castanhais

Na região de Cachoeira Porteira existem muitos castanhais (também chamados de pontos de castanha), alguns pertinho, onde dá pra chegar numa travessia rápida de barco, outros bem longe, como o Castanhal Pirarara, o maior da região. O castanheiro que vai até lá fica quase três meses direto na mata, porque são três dias de viagem para chegar. Em outros lugares, como no Eucéc, o castanhal é bem perto da comunidade, e é possível chegar a ele a pé pela estrada atrás da escola. Cada castanhal tem um nome, alguns bem engraçados, como o "Vai quem quer", o "Apaga a luz", o "Do calção" e o "Sorriso". Outros recebem o nome das pessoas que os "desbravaram", como o Ponto do Rui e o Maranhão.



## Alimento para todos

Como boa rainha, a castanheira parece tratar bem do seu povo, alimentando não só os humanos, mas também muitos animais da floresta! Lá na copa, suas flores alimentam pássaros, insetos e até macacos. Mas é no chão, quando caem seus frutos – uns ouriços duros difíceis de quebrar –, que suas sementes, as tão concorridas castanhas, fazem a festa das cutias e até dos porcos do mato. A castanheira é uma árvore tão especial que é proibido por lei derrubá-la!



## Proteína vegetal

Europa, Estados Unidos, Ásia: a castanha que sai daqui vai para o mundo todo, e não só para ser comida como tira-gosto, mas também para ser usada em outras receitas e no preparo de remédios e produtos de beleza. Além de gostosa, a castanha é muito nutritiva; duas amêndoas têm a mesma quantidade de proteína de um ovo de galinha! Seu valor proteico e calórico é tanto que alguns pesquisadores a consideram uma "carne vegetal". Ela também contém selênio, muitas vitaminas e minerais que atrasam o envelhecimento e diminuem o colesterol!



# Castanheiros

Se a castanheira é a rainha da floresta, o castanheiro não deixa de ser o rei dos castanhais. Afinal, não é de hoje que árvore e homem vivem em sintonia. Para ser castanheiro tem que conhecer os segredos da rainha *Bertholletia excelsa* e os da floresta. Afinal, alguns castanheiros passam dois ou três meses direto acampados por lá: montam seu barraco e realizam sua coleta. É um trabalho duro, que precisa de força, coragem e atenção. Coletar os ouriços é só a primeira etapa. Depois é preciso amontoá-los, quebrá-los e esvaziar as castanhas no panelo; carregar para o barraco, ensacar, transportar de volta para a comunidade, levar para o barracão, fazer a medição; ensacar de novo e embarcar nos barcos grandes que vão para as cidades onde são vendidas para as usinas... Ufa, é muito trabalho!



Para ser bom castanheiro é preciso:

- ser bom de canoa, bote e lancha para encarar as cachoeiras e igarapés;
- ter braço forte para atorar troncos no caminho e até carregar o barco nas costas para ele não atolar;
- saber montar barraco com galho, lona e corda, ou cipó e palha, e não ter medo de dormir ao relento;
- encarar o alimento que a floresta oferece e saber consegui-lo e prepará-lo, seja caça, pesca, fruta, ervas, castanha e até água de cipó;
- saber quebrar ouriço e desviar dos que ainda podem cair;
- ser forte para carregar os paneiros cheios de castanhas.

*Em Cachoeira Porteira a coleta acontece entre março e junho, depois que a maioria dos ouriços já caíram das árvores*



LUMINÁRIA

SACA DE CASTANHA

PANEIRO

## Glossário

- Ouriço:** fruto da castanheira, redondo de casca muito dura, pesa entre 500g e 1,5 kg.
- Pevide:** castanha (é a semente do fruto).
- Combuco ou capungo:** ouriço vazio depois de tirar pevide.
- Fandango:** terçado velho.
- Luminária ou pé de bode:** "garra" de pau usada pra catar ouriço.

**Barraco:** abrigo provisório coberto de palha ou lona.

**Panheiro:** cesto artesanal feito de cipó ambé ou titica pra carregar pevide.

**Cartucheiro:** bolsa pra carregar munição.

**Xibé:** mistura de farinha com água ou leite de castanha para espantar a fome.

Assista o vídeo sobre a coleta da castanha-do-Pará para saber mais.

## Limpa cipó

Uma das maneiras como os castanheiros ajudam os castanhais é livrando-as dos cipós. Seu Zé, lá no Castanhal do 23, explicou que "sempre que a gente passa numa castanheira que é boa, que dá muito fruto, se está começando a ficar entrelaçada de cipó nós vamos lá cortar. Ai, daqui um ano aquele cipó se decompõe tudinho, cai, e ela tem facilidade de frutificar melhor".

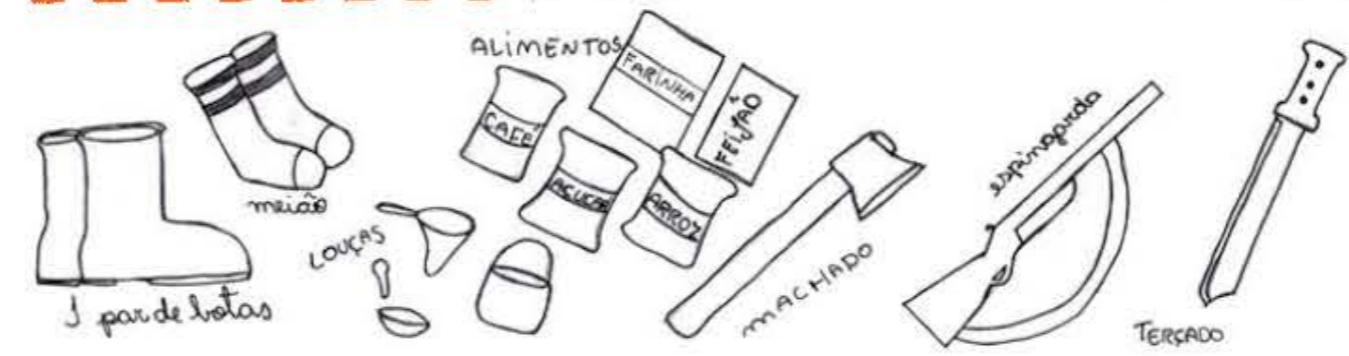


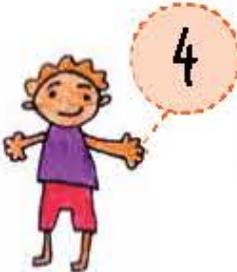
## Cipó d'água

Na floresta existem dezenas de tipos de cipó: tem cipó bom para fazer panheiro, cipó para remédio, e tem até cipó com água fresquinha e boa para matar a sede! O bom castanheiro tem que reconhecer um bom cipó d'água, aquele que tem a grossura e cor certas e que não vai matar a planta se for cortado. Tem que cortar em cima e em baixo ao mesmo tempo, para a água não subir e desaparecer nos galhos. Cada pedaço de meio metro dá um copo cheio.



## Quite dos Castanheiros





# Minha estrada é um rio

Na nossa região, carro é o barco e estrada é a água... E quando a gente diz água não está falando só dos rios, que são as principais estradas. As bacias, igarapés, igapós, paranás, lagos, lagoas e furos são nossas avenidas, ruas, vielas e atalhos... São tantos tipos de cursos d'água que existe todo um vocabulário para eles! O vai-vém das águas e da chuva determina a vida de tudo e todos, começando pelas estações: inverno = cheia, verão = seca. Define também os percursos, as plantações, o que comemos em cada época, e mesmo o calendário escolar. A chuva serve até de relógio: é sempre tão pontual que vira referência para marcar compromisso: "Ó, comadre, passo aí pra tomar um café depois da chuva da tarde!"



## 1001 embarcações

Para circular por tantas hidroviás, existem vários tipos de transporte: canoa, bote, casco, bajara, lancha, batelão, barco... cada um adaptado a um tipo de situação. Para escolher tem que levar em conta a profundidade e a largura da via, as correntezas, a vegetação embaixo, se as curvas são fechadas, e mais um tanto de coisas. Por exemplo, o casco é mais raso e melhor para áreas alagadas, com muita vegetação, como os igapós. Pode ser a remo ou com a rebeta, motor de popa menor que fica perto da superfície da água.



## Glossário das águas

- "Tá de carneirinho!" = quando tem maresia nos lagos e no Rio Amazonas.
- "Banzeiro" = marolas, ondas provocadas por barco grande ou lancha quando passa.
- casco = canoa pequena, feita de uma peça só de tronco cavado. O canoeiro senta na popa (atrás).
- doão de pau = tipo de leme da canoa de uma pessoa só que fica atrás do pescador.

## As ferramentas de Seu Moisés



O arco de pua é o avô das furadeiras, serve para furar e para tirar e colocar parafusos.



## Sabedoria antiga

Apesar das pessoas comprarem cada vez mais barcos e lanchas de fibra de alumínio, a sabedoria da construção naval em madeira permanece viva na região. Em São José, Seu Moisés ainda faz canoas com suas ferramentas; em Cachoeira Porteira são os índios Kaxuiana e Wai Wai que fazem os botes de tronco inteiro que os castanheiros usam.



As viagens se tornaram mais rápidas depois que apareceram os motores a diesel. Se antes a viagem de Cachoeira para Oriximiná demorava uma semana no remo, hoje leva apenas 13 horas.

# A vida sobre as águas no Mondongo

Por aqui todo mundo é ribeirinho, mas no inverno algumas comunidades vivem mesmo é em cima da água! É o caso do pessoal do Mondongo, que fica numa região de várzea, a área perto dos rios que alaga no período das cheias. Entre dezembro e maio, o visitante custa a acreditar quando vê só a pontinha das traves do campo de futebol fora da água. Mas, assim como a vegetação local, adaptada a passar metade do ano em terras alagadas, e os peixes, cujo ciclo de vida segue o ritmo do rio, as pessoas também se adaptam. Por exemplo, cedinho as crianças do Mondongo aprendem a manejar canoa a remo, que meio que substitui as pernas na época da cheia! Aprendem logo a catar marajá e outros frutos que sobrevivem na água para alimentar os animais. E, muito importante: têm cuidado quando entram no banheiro, para não levar o sustão que a Suzane levou uma vez ao encontrar uma enorme jararaca no vaso!



## Tudo pra cima!

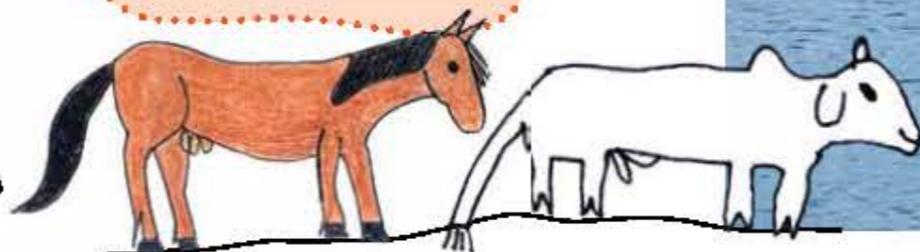
Assoalho, panelas, hortalças, porcos... No Mondongo tudo que dá para subir vai pra cima! As casas são palafitas, construídas em cima de toras altas para não inundar. Dentro, muitas coisas são penduradas nas paredes, dos utensílios de cozinha às escovas de dente, passando pelos coiós, com todo tipo de tesouro. Pertinho das casas as hortas são plantadas nos jirais, canteiros suspensos feitos de caixotes, plataformas e até de canoas velhas. O restante do cultivo é plantado na época seca nos solos férteis da restinga, mas sempre plantas e frutos que crescem rápido, melancia, jerimum, feijão, milho, que são colhidos antes da enchente. Outros que "sobem" para se abrigar das águas são os animais de criação. Nas marombas, currais suspensos, porcos, galinhas, patos, gatos, cachorros e vez por outra até capivaras dividem pacificamente o espaço nas alturas.



## Balsa de Noé

*Olha, aqui pra nós, praticamente, é seis meses em terra e seis meses n'água. De janeiro até julho é dificultoso. Quem tem terreno em terra firme, lá pra trás de Óbidos, se muda pra lá, principalmente quem tem criação, pois se não tem onde colocar os animais, eles morrem tudo na água sem ter o que comer. A gente freta a balsa e leva primeiro o gado, depois os carneiros, depois os cavalos. Já aconteceu dos bichos grandes ir tudo embora e só ficar eu mesmo aqui com meus cachorros Sem Vergonha e Vaqueiro. Eu procuro agasalho pra tratar deles aqui mesmo, porque o alimento é mais fácil. Pego peixe, asso e dou pra eles. Tem gente que acha que é trabalhoso, mas pra nós é normal. Eu prefiro ficar porque meu amor é aqui na terra. E também porque meu único ganho é a pesca mesmo.*

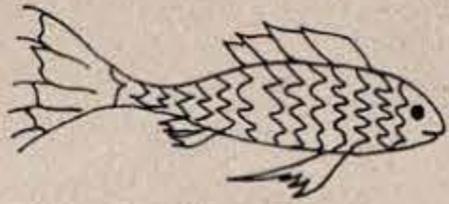
(Seu Francisco, Mondongo)



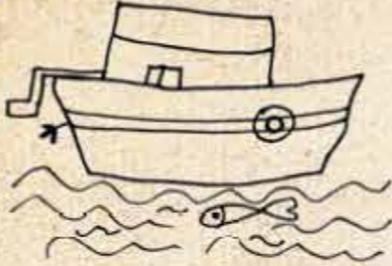
Assista o DVD para saber mais sobre a Comunidade do Mondongo.

# ALFABETO DO MONDONGO

Já que nossa comunidade é tão especial, decidimos criar um alfabeto só dela! Isso mesmo, um abecê ilustrado com as coisas do Mondongo! Ah, e para quem ficou curioso com esse nome, dizem que Mondongo é uma palavra que veio dos antepassados africanos e quer dizer terra baixa, alagada, com lama... Opa, tá parecendo um lugar que a gente conhece!



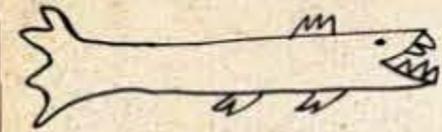
**A** acari



**B** BARCO



**C** CAPIVARA



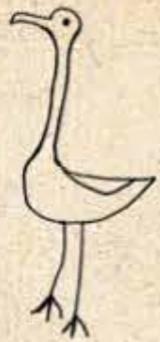
**D** dentudo



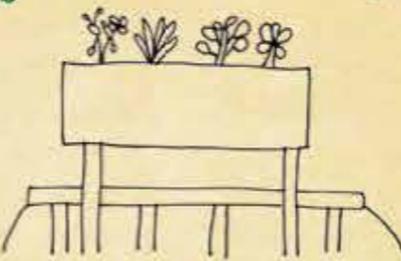
**E** ESCOLA



**F** FARINHA



**G** GARÇA



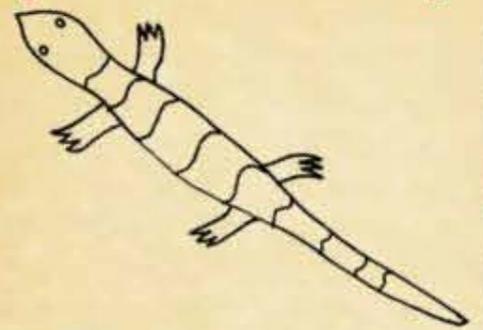
**H** HORTA



**I** ingá



**J** JERIMUM



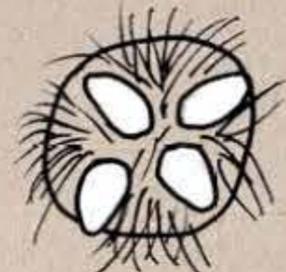
**L** LAGARTO

A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z

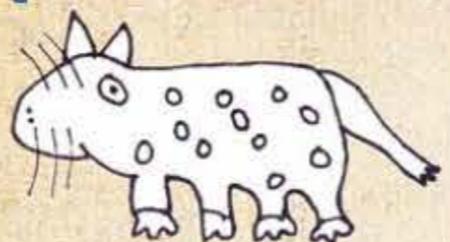
A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z



**M** MARAJÁ



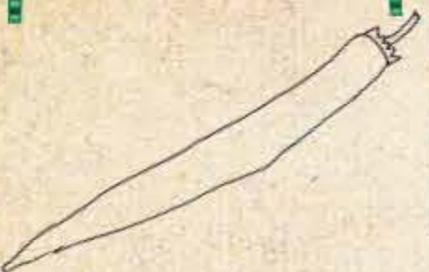
**N** NINHO



**O** onça-pintada



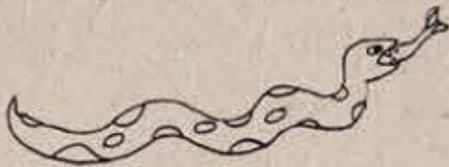
**P** PORAQUÊ



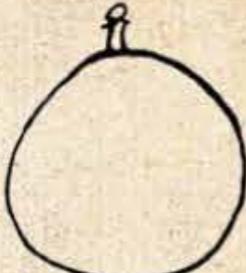
**Q** QUIABO



**R** REMO



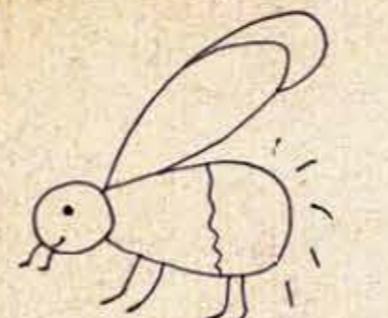
**S** suaviju



**T** TUCUMÃ



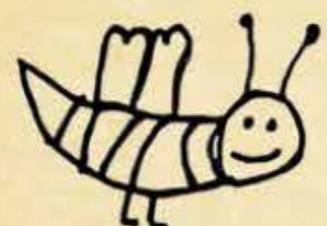
**U** URUA'



**V** VAGA-LUME



**X** XÍCARA



**Z** ZANGÃO

A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z

A-B-C-D-E-F-G-H-I-J-K-L-M-N-O-P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z